

TREM-BALA, A PRESSA E A ETERNIDADE EM NÓS

Uma canção de Ana Vilela lida com olhos de agricultor: o tempo da velocidade, o tempo da lavoura e o tempo que não acaba

Uma moça jovem escreveu uma canção simples, gravou com voz e violão, e o Brasil inteiro parou para ouvir. Trem-Bala, de Ana Vilela, tocou onde poucos discursos conseguem tocar, porque disse em três minutos aquilo que todos sabem e quase ninguém organiza: a vida corre rápido, nós somos passageiros, e o que fica não é o que acumulamos, é o que vivemos junto de quem amamos. É uma canção sobre o tempo. E o tempo é o assunto de quem planta.

QUEM VIVE DA TERRA APRENDE CEDO QUE EXISTEM DOIS TEMPOS

Existe o tempo do relógio e existe o tempo da semente. O primeiro é o tempo do trem-bala, acelerado, medido em prazos, notificações e metas. O segundo é o tempo da germinação, que não se apressa nem por decreto nem por dinheiro. Nenhum agricultor consegue convencer o milho a nascer antes da hora, nenhum pai consegue apressar a maturidade de um filho, nenhuma cooperativa se torna sólida por pressa de assembleia. A tragédia moderna é tentar viver as coisas profundas na velocidade das coisas rasas.

A Agrosafia, mística da vida com base nas forças agronaturais, ensina exatamente essa paciência ativa. Paciência não é lentidão, é sincronia. O agricultor não é passivo, ele trabalha muito, mas trabalha no ritmo certo, respeitando a estação, a lua, a chuva, o descanso do solo. Quem perde essa noção adoece, e não é raro ver gente correndo a vida inteira para chegar cansada a um lugar onde nem queria estar.

A PRESSA É INIMIGA DA PRESENÇA

O grande custo do trem-bala não é o cansaço, é a ausência. A gente está em casa sem estar em casa, à mesa olhando a tela, no velório pensando na agenda. Escrevi certa vez sobre a pedagogia da ausência, e a canção mostra o outro lado dela: o filho que se segura no colo hoje não estará mais de colo daqui a alguns anos, os pais que ainda podem ser abraçados um dia deixarão de estar. Presença é decisão, não é sobra de tempo. Ninguém tem tempo, as pessoas escolhem o que fazer com o tempo que têm.

Aqui entra a família, que é onde a velocidade cobra a fatura mais cara. Uma casa não se sustenta com sobras de atenção. Firmeza, na criação dos filhos, não é rigidez, é presença constante, é estar por perto quando não é conveniente. O maior patrimônio de uma vida não está em conta bancária nenhuma, está sentado à mesa do jantar, e ele também é perecível.

A ETERNIDADE NÃO COMEÇA DEPOIS, COMEÇA AGORA

A canção diz que somos passageiros prestes a partir. A fé cristã concorda com o diagnóstico e acrescenta o destino. Somos passageiros, sim, mas de uma viagem que não termina na estação final. Por isso venho insistindo no tema da eternidade em nós: ela não é um prêmio distante, é uma qualidade de vida que pode começar em cada gesto, hoje. Cada ato de amor verdadeiro já é matéria eterna. Cada árvore plantada, cada perdão concedido, cada palavra dita a tempo atravessa a nossa própria duração.

E há a longevidade, que não é apenas viver muito, é viver com sentido até o fim. Trocar os últimos anos pelos primeiros seria como trocar um bom vinho por um refrigerante. A juventude é efervescente, a maturidade tem sabor constante. Quem entende isso para de correr contra o tempo e passa a caminhar com ele, o que é muito diferente.

O QUE FAZER COM UM MINUTO

Talvez a lição prática da canção seja esta: o minuto é a única unidade de tempo que realmente possuímos. Um minuto de inspiração pode reorganizar um dia inteiro. Um minuto de escuta pode salvar uma relação. Um minuto de silêncio diante do Criador reposiciona tudo o que vem depois. Não temos poder sobre a velocidade do trem, temos poder sobre a qualidade do que acontece dentro do vagão.

No fim, a pergunta que a música deixa não é quanto tempo ainda nos resta, porque isso ninguém sabe. A pergunta é com quem e para quem estamos gastando o tempo que já está passando. Enquanto o trem corre, ainda dá para olhar para o lado, reconhecer quem viaja junto e agradecer. Essa é, no fundo, a única pressa que vale a pena ter.

OUÇA A CANÇÃO ORIGINAL

Antes de guardar este texto, faça um teste simples: pare o que estiver fazendo, deixe o telefone de lado e ouça a canção Trem-Bala, de Ana Vilela, do começo ao fim, no endereço abaixo. Três minutos apenas. Se possível, ouça ao lado de alguém da sua família. Depois releia estas páginas e veja se o dia continua com a mesma pressa.

<https://youtu.be/sWhy1VcvvgY>

Sobre o autor: Aínor Francisco Lotério é filho de agricultores familiares e cooperativistas, foi seminarista, trabalhou na roça desde menino, formou-se Técnico Agrícola e Engenheiro Agrônomo, é bacharel em Filosofia e Teologia, mestre em Gestão de Políticas Públicas e Diácono Permanente desde 2022. Vive com a família no Sítio Agrosófia, em Camboriú, SC, onde escreve, cultiva espécies nativas da Mata Atlântica e continua acreditando que vale a pena plantar. www.ainor.com.br e www.loterio.com.br.